

ECOS DE CACIA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton

REDACTOR (Em Lisboa)

Aníbal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Paz, Aveiro, Torreira, Ovar, Esposo, Q. do Gato, Bo. Lucroso, Esquei- Pa. Mataduros, Avanca, Estarreja, Coimbra e Angeja.

ASSINATURA

Ano, série de 50 números 20\$00
Semestre, série de 25 números 10\$00
Estrangeiro, ano 50 números 50\$00
Brazil e Colonias 30\$00

Proprietário-Director e Administrador

José Marques Damião

Filiado no SINDICATO NACIONAL DA IMPRENSA PORTUGUESA!!!

Redactor e Editor

Antonio da Costa Pinto

O MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS
Rua da Paz—QUINTA DE LOUREIRO (CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

Um desleixo

No passado dia 17, de tarde, certo lavrador de Cacia, quando passava com o seu carro, foi esbarrar contra o muro do aqueducto do S. Simão, deitando-o por terra.

Este e outros desastres seriam evitados se os nossos lavradores cumprissem a lei que os obriga a andar á frente do gado.

Aqui avisamos o referido lavrador, a fim de êle mandar reparar quanto antes o prejuizo causado, visto que não deixaremos o assunto (?) sem que isso tenha sido feito.

José de Souza Torres

A pós a sua estada por algumas semanas em Ovar e Espinho, acaba de se auzentar para Lisboa, onde é comerciante, este nosso antigo companheiro sr. José de Souza Torres.

Este bom amigo, não quiz auzentar-se sem nos vir abraçar á nossa redacção.

Penhoradamente aqui lhe agradecemos as suas referencias para com o nosso Jornal.

Para Torres, vai o nosso cartão de muitas prosperidades.

Antonio H. da Cruz

De visita a sua familia, esteve aqui no dia 22 do mês p. p. o grande proprietário em Sangalhos sr. Antonio Henriques da Cruz sua esposa sr.ª D. Maria Oliveira Cruz, e seu gauro nosso assinante sr. Manuel Simões Nogueira, industrial de Panificação em Aneas.

Penhoradamente aqui lhes agradecemos as suas visitas.

Antonio Lourenço

Vindos de Lisboa, onde estão na Panificação, encontram-se na Quinta e na companhia de todos os seus, o nosso amigo e assinante sr. Antonio Lourenço e seu filho João.

Aqui apresentamos aos nossos visitantes, as nossas boas vindas.

Manuel Dias Justino

Com destino a Lisboa, retirou-se no dia 29 do mês p. p. de Ovar, onde esteve durante dois meses em decaano das suas lidas, este nosso confratano e velho amigo, que se fez acompanhar de sua esposa, e uma sua sobrinha.

Para este vai um saudoso abraço, acompanhado dos nossos agradecimentos pela deferencia que nos dispensou, com a sua visita a esta redacção na sua retirada para o Sul.

Visado pela Comissão de Censura.

Há grande festa na pequenina casa da tia Maria Labrincha, por motivo da chegada do seu filho Bonifácio.

Festa intima já se vê, nem outra coisa podia sêr, dada a natural modéstia de maneiras, de mãe e filho.

Tendo ido para o Brazil muito antes dos vinte, de lá veio muito depois dos quarenta.

Era portanto razoavel a alegria que sentiam, ao tornar a apertarem-se aqueles dois corações, um bem junto ao outro.

Uma ausência de mais de vinte anos, para uma velha mãe, é qualquer coisa de respeitavel.

Felizmente, ali o tinha, e não o tornava a deixar ir embora.

—Sósegue, minha mãe; eu não torno a embarcá—lhes dizia eie para a socegar.

Ora o Bonifácio, pondo-se a olhar para a pequenêda da casa e para o grandioso volume das suas três malas de viagem, disse a um amigo velho que o tinha ido visitar:—'stá vendo Malaquias? a casita é piquena di mais para arrumá essas málas, e alguma mobilia mais que conto comprá.

Como vê, tenho que mandá arranjá casa nova.— E' verdade,—lhe diz o amigo—então com certeza, o amigo Bonifácio agora, deve pensar em se casar, para dar a sua velha mãe uma pessoa para a auxiliar no amanho da vida da casa?—Ahl com certeza, com certeza!— Pois olhe,—lhe tornava o amigo—quando pensar nisso a valêr, dê lá umas voltas por minha casa, que não é longe, e não terá grande trabalho em achar o que deseja. Aqui, andava mira em grande interesse, pois o Bonifácio (dizia-se á boca cheia) vinha podre de rico.

Era certo. Quanto á distancia entre eles, pode dizer-se não existia, pois eram vizinhos de paredes meias.

Alguns meses passados, e no lugar da pequena casa, avultava agora um lindo e gracioso chalet, em bonito estilo, que era a alegria e o conforto de mãe e filho, e tambem o desejo obsecante do Malaquias de:—servir de abrigo para sua filha Mariana.

E na verdade, (dizia consigo o Malaquias sempre que no caso pensava) na verdade, um tal casamento era um partidão.

Não era tolo de todo, não. Caso estava em não lhe sair o caso bicudo como se vai ver. Se o Malaquias era rico,—porque o era,—a fortuna do Bonifácio junto á sua com o tal casamento com a sua Mariana, filha unica, era de encher o olho.

Mas se o Malaquias era rico e ambicioso, já outro tanto se não dava com o Bonifácio.

Tinha ideias mais liberais, como vamos ver.

Fosse porque o hábito no Brazil de estar sempre na loja ou fosse porque o tempo lá lhe não sobrasse para praticas relegiosas, o facto é que, cá, raro ia á igreja; e em alguns domingos—nem em todos—se lá ia, era para acompanhar sua mãe.

Isso ia-lhe grangeando a cognome de «maçonico», cognome esse que ele devia agradecer ás

Passagens desta vida

más linguas, que as há sempre, e em toda a parte.

Muito ao contrário, o visinho Malaquias, ia todos os dias á missa cedo, e falhava um domingo em que ele lá não estivesse batendo rijas punhadas nas árcas do peito nas occasiões próprias, que era mesmo um «louvar ao Senhor».

Este, então, na boca das tais más linguas, era um santo homem que por aquele andar, quando morresse, ia mesmo direitinho ao céu.

Ora h'um desses domingos, é que caiu Troia.

Foi o caso de, o nosso amigo Bonifácio, á saída do acto religioso se abeirar com sua mãe, d'uma airosa rapariga, e com ella entabolar conversa á medida que iam andando.

Essa rapariga, (Julia da Fonte, como lhe chamavam por morar perto de uma)—era costureira, e pobre; mas mesmo assim, a mi-séria, graças ao bom Deus, nunca entrou os umbrais daquela asinha, muito caida e branquinha.

Ela e seus pais, apesar de pobres, nunca conheceram a fome.

Ora esta conversa do brasileiro e sua mãe com a Julia, e o caso de a acompanharem a casa d'ela, que era em ponto diametralmente oposto á sua, em relação ao sitio onde se achava a igreja, deu que pensar a toda a gente, e muito particularmente ao Malaquias e a sua filha, os quais, mais que ninguem, deram pelo «caso».

Em toda a gente foi um fervilhar de comentários, cada qual a seu modo, mas todos com final pouco lisongeiro para a familia Malaquias.

O caso foi que, só passada quasi uma hora, é que o brasileiro e sua mãe deram entrada em sua casa, não sem que o seu vizinho e filha dissem dessem fé.

Dias passados, rompe-se o veu que encobria o tal misterio da conversa havida.

E foi que, a Julia da Fonte, tinha sido pedida em casamento aos pais para seu filho, pela senhora Maria Labrincha.

Foi um assombro em casa do Malaquias.

Foi como que uma bomba, a qual, rebentando, só causa escombros.

E os «castelos de cartas» orquitectados pelo Malaquias, em tal emergencia, o que eram senão escombros? Vamos adiante para não massar, pois todos os «casos da vida», contados e descritos por miudo, davam um livro.

Isto, é uma «novela relampago».

Quando o Malaquias apanhou a gelto o visinho, diz-lheseni mais preambulos: então visinho, temos casamento para breve heim??—Outro tambem sem papas na lingua: é verdade, seu Malaquias.

Précisava arranjá quem fizesse companhia a minha mãe e a mim; e ao mesmo tempo, quem nos arranjasse a nossa roupa.—

O outro; e eu que pensava em o vizinho juntar a sua propriedade com a minha e fazer uma propriedade unica... Enganei-me paciencia.

Sabe o que me custa? É a minha Mariana ser preferida por uma delambida pobretona.

Enfim, o visinho lá tem as suas ideias. Agora cabe aqui, pôr em evidencia a liberdade e pureza das ideias do Bonifacio para edificação talvez até de algum leitor.—O amigo Malaquias vai ouvir o meu modo di pensá em tal caso, e depois me dirá se eu tenho razão ou não.

Sua filha, é uma mulher esmerada que eu o sei, e é rica.

Ora casando eu com ella, mais ninguém interessava com isso. Ora o amigo pense hem... Eu graças a Deus, tenho alguma coisa de meu; casando com uma mulher pobre faço-a feliz, não é verdade?—Lá isso é.— diz o Malaquias.

Returque-lhe o outro; ora sendo sua filha sua unica herdeira, e por consequinte, bastante rica para poder fazer feliz a um rapaz pobre, porque não hade isso succedé assim, e o amigo consentir em tal casamento?

E o caso é que o Malaquias, sem o pai o saber, hebria os «ares» por o José da Eufrasia, que, diga-se de passagem, sendo pobre, era trabalhador mui activo, e ao mesmo tempo, um dos rapazes mais bem vistos da freguezia.

O certo é que ao fim de algum tempo, esses dois casamentos se realizaram, não sem que as tais más linguas, se não fartssem de taramelar a respeito deles, é claro.

Nem outra coisa podia ser. O que se deu foi um caso um pouco curioso.

Foi que, devido ao brasileiro começar de plantar árvores de fructo que comprava no Porto no Moreira da Silva, o Malaquias começou de fazer a mesma coisa, e o caso é que, para tratar das arvores de fructo, dos corrimões e das latadas, já não ia todos os dias á missa, e tambem lá faltava em alguns domingos.

Não se vá por isto ajuizar que o homem se estaria tornando ateu.

Muito ao contrario. Dizia elle, e com razão: Deus, tanto está dentro da igreja, como dentro do meu pomar.

E é inegavel, esta verdade. Deus está em toda a parte, e em tudo se manifesta. E é em plena natureza, que nós nos acostumamos a bendizer a Providencia que, para todos olha, e de ninguém se esquece.

Argus.

Dr. Santos Reis

Depois d'uma digressão por Traz-os-Montes, demorando-se 15 dias nas Pedras Salgadas, regressou á sua casa de Angeja, este distinto medico e denodado Director do Jornal «Povo d'Angeja» Os nossos cumprimentos de boas vindas.

ANUNCIAI NO "ECOS"

Necrologia

Ao fim de um prolongadissimo sofrimento, estando retido no leito muito tempo, acaba de falecer no dia 27 do p. p. mês, com a idade de 67 anos na sua residencia de Sarrazola, o antigo construtor Civil sr. Joaquim de Azevedo, pai do tambem mestre de obras, nosso amigo e assinante sr. Alberto de Azevedo.

O extinto que foi depositado em uma rica urna de carvalho, e sepultado na terra, como em vida pediu, gosava de gerais simpatias, pois que a sua morte foi geralmente muito sentida.

O seu funeral, que por determinação do medico assistente, teve lugar no mesmo dia; sendo muito concorrido, incorporando-se 6 sacerdotes

Conduzio a chave do ataudê, o Ex.^{mo} sr. Concelheiro Nunes de Silva, e as salvas os srs. Atanasio de Carvalho, de Requeixo e Rodrigod'Almeida; organizando-se no percurso diversos turnos por pessoas das suas relações.

Foi-lhe oferecida uma linda corôa de flores artificiais que foi conduzida pelo sr. Manuel Simões Carrelo, onde se lia a seguinte dedicatória:

Eterna saúde de seu filho, nôra e nêto.

Na igreja houve officios de corpo presente.

A toda a familia em luto, aqui apresentamos os nossos mais sentidos pesames.

—Victimado por um forte ataque de Bichas, faleceu em casa de seus pais com 7 anos de idade no dia 25 do mêz p. p. o menino Domingos Alves da Silva, filho de Manuel Antonio da Silva, e de Ana Alves da Silva, naturais do concelho de Espinho, mas residentes em Cacia, a onde estão empregados nos caminhos de ferro.

O funeral do menor, foi no dia seguinte pelas 10 horas de casa de seus pais para o cemiterio desta freguesia.

Ao falecido foram oferecidas duas corôas de flores artificiais com as dedicatorias de seus queridos pais, e de seus manos muito amigos.

Incorporou-se muito povo da freguesia, e uma brigada de assentadores do mesmo caminho de ferro, em atenção ao seu companheiro de trabalho, pois quegosa de gerais simpatias, tanto no meio dos seus

Cá Por Casa

A' Última Hora

Carta

—DE—

S. João de Loure

Carteira Elegante

RETIRADAS

Retirou-se no passado sábado para Lisboa, onde é grande comerciante, o Sr. António Tavares, sua esposa, Ana Sequeira Tavares e seu filho, Adriano Sequeira Tavares.

Que tivessem boa viagem.

Também se retira na próxima terça-feira para a mesma cidade o sr. Manuel Rodrigues Teixeira Benção e seus filhos, o qual regressou na terça-feira passada da Praia da Torreira, onde esteve a uso de banhos.

DOENTES

Encontra-se um pouco melhor da doença que o releve no leito o sr. Augusto Vicente.

Também se encontra um pouco doente o sr. José Maria Jorge (o Zê do Cabeço).

Encontra-se também há muito tempo doente o sr. Caetano Dias Quaresma.

A todos desejamos-lhes as melhoras.

ANIVERSARIO

Completo 19 risonhas primaveras no p. p. domingo a meua Maria Rosa Nunes dos Santos.

Os nossos parabens e que este dia se repita por muitos mais.

AS VINDIMAS

Já principiaram há dias as vindimas nesta região. Consta que este ano a produção é inferior á do ano transacto.

O TEMPO

Ultimamente tem chovido muito, o que vem beneficiar muito os lavradores para a plantação dos nabos e ervas.

BAILE

No passado domingo o GRUPO MUSICAL CACIENSE desta localidade deu na sua sede um baile, o qual esteve muito concorrido.

No próximo domingo realiza-se igualmente outro, o qual deve na mesma, ter grande concorrência.

A ELECTRICIDADE

Quando virá ela para Cacia? Corriam por aí boatos que ela já vinha no Caminho, mas não se vê nada.

colegas, como nesta freguesia.

Igualmente a todos os doridos aqui apresentamos os nossos pêsames.

Tratou destes funerais a nova agencia de Antonio M. da Cunha, de CACIA.

Já quando o nosso jornal da entrada no prélo, somos informados de que acaba de falecer em Lisboa Maria Emilia Pascoa, prima do nosso Director.

No proximo n.º diremos.

Escritos

Ainda hoje nos ficaram de remissa para o proximo n.º alguns artigos, tais como: Uma Escursão, por José Vieira Ferreira; Perde-se a crença? por A. S. T. 211; Em Vila Nova de Gaia, por Anibal Simões Pinto; Ilusões, por Chibuto; e Quadras soltas, por José Rodrigues Pinto.

A todos estes nossos colaboradores, aqui pedimos que nos desculpem o atraso, mas tudo vem a lume.

Inspeções Militares

Nas inspeções militares que tiveram lugar no dia 15 do mês p. p. em Oliveira de Azeiteis, ficaram livres definitivamente os nossos amigos e assinantes srs. Antonio Joaquim da Silva, proprietario da Sapataria Lusitana, na Rua Miguel Bombarda-Esgueira, e Manuel Soares, também proprietario da Nova Marcenaria e loja de vinhos e mercearias, em Azurva.

Para estes, aqui vão as nossas mais sinceras felicitações, pela sorte que acabam de obter.

Pois cacienses, cá esperamos que esta desejada luz venha a iluminar as ruas de Cacia, e não só estas como particularmente, alguns espíritos, que precisam de luz.

Aqui apelamos este grande melhoramento para a nossa terra. Mãos á obra, é o primeiro apelo, que fazemos a D.ª comissão que de há tempos está nomeada.

CHEGADA

Encontra-se em casa, vindo de Leiria, o sr. Manuel Dias Nobre, o qual se encontra um pouco incomodado de saude.

Desejamos-lhe as melhoras.

Zé d'Aldois

Desde o dia 21 do corrente que esta terra vem sofrendo enormes prejuizos causados pelas chuvas.

No ultimo sábado dia 24 pela volta das 14 horas, caiu sobre nós uma chuva tão forte, que durando apenas 40 minutos chegou para inundar os caminhos, deitar muros em terra e arrastar na sua passagem coisas diversas.

Foram enormes os estragos feitos pela enxurrada, em casa do sr. Julio Neves, do sr. Marinho Peres e do sr. Manuel Alvarenga, e nos muros do Sr. Dr. Freire e do sr. João Ventura e outros.

COLHEITAS

Devido ao mau tempo encontram-se muito atrasadas as colheitas.

Coutudo principiaram as vindimas.

HOTEL

Encontra-se fechado por algum tempo, devido ao falecimento de uma pessoa da familia, o grande Hotel Valente—na Congosta Rua Central—3

BAILE

Realizou-se um segundo Baile no Centro Recreativo de Paredes, promovido pela direcção da Filarmónica Avancanense e em beneficio próprio.

C.

ECOS em Angeja

CASAMENTO

Realizou-se no dia 22 p. p. o enlace matrimonial do sobrinho do sr. João Almeida do Sobreiro, com a gentil menina Amelia da Silva Nunes.

No fim da cerimonia religiosa que foi na Igreja matriz desta freguesia, efectuou-se um elegante jantar na residencia da noiva, aonde se viu brindes de varios valores, vendo-se também muitos convidados de Angeja e do Sobreiro, no fim do jantar os noivos retiraram-se para o Sobreiro.

Aqui endirecamos os nossos mais sinceros parabens aos noivos.

PARA BANHOS

Retirou-se para a linda praia da Torreira, a fazer uso de banhos, a esposa do sr. Antonio Simões de Pinho.

CHEGADAS

Encontra-se entre nós, vindos de Lisboa aonde são comerciantes, a familia Antonio Nunes das Neves.

Aqui lhe enviamos as nossas

O tempo que há dias entrou na sua quadra do Outono, apresentou-se nos de um verdadeiro inverno, que a continuar, virá prejudicar os nossos pequenos mas honestos lavradores, principalmente nas colheitas dos vinhedos, que, só agora é que se comessa a dar principio a essa fauna.

Algumas das ruas d'esta terra estão intranzitaveis, barrancos sobre barrancos, é o que se vê em S. João de Loure.

Porque será que esta terra está deitada a um ité no abandono?

Então S. João de Loure não terá o direito que todas as outras nossas vizinhas tem?

Que fazem os dirigentes desta encantadora mas despresada terra? Que tanto se estão desleixando no que temos já.

Vejam senhores, como as nossas vizinhas estão possuindo lindas estradas, todas elas adquiridas pela força de vontade de todos os seus dirigentes.

E-p-raremos pela boa vontade de quem tem o direito de pugnar pelo que nos pertence.

O tranzito aqui, é pessimo do se fizer.

Após a um prelongado e horrivel sofrimento, acaba de falecer aqui no dia 24 do corrente mês, com a idade de 54 anos apenas, o nosso amigo sr. Antonio Augusto Nunes, mui digno regedor d'esta freguesia há muitos anos.

O seu funeral que teve lugar no dia seguinte, foi uma verdadeira homenagem de pesar, vindo-se neste acompanhamento muitas individualidades em destaque, não só d'esta terra, como de todas as circunvizinhas.

O extinto que era casado e intimo amigo do nosso conterraneo, e assinante do «Ecos de Cacia» sr. José Martins dos Santos, deixa viuva e 5 filhos.

A toda a familia entulada, aqui apresentamos os nossos mais sentidos pêsames.

Um assinante.

felicitações de boas vindas.

Encontra-se entre nós de visita a todos os seus por alguns dias, vindo de Santarem aonde é industrial de Panificação o nosso conterraneo sr. Manuel Nunes da Trindade.

O TEMPO

Nos ultimos dias da semana p. p. tem chovido torrencialmente, fazendo-se sentir fortes trovoadas.

As aguas no Vouga, tem aumentado de volume. C.

Folhetim do «ECOS DE CACIA»

O Primeiro trabalho

PARA O ROMÃO JUNIOR

Sobre o rodado assente n'um tripé estava já um bloco de barro que ia servir de base ao busto do comendador. O artista tinha dado já as instruções ao ajudante e ia encetar os seus trabalhos.

A bata branca cahindo-lhe até aos joelhos, começou por espalmar o barro fixando a base do busto, medindo bem com a vista.

—Rapaz! mais barro. Vamos, não te descuides. Mais barro. E lépido, os dedos movendo-se e como que acariciando o barro que se amoldava sob a sua pressão, um bloco desforme se ia erguendo como fantasma saindo de incognito alçapão.

—Rapaz! mais barro. Depressa ou te assento na cara a mão mesmo suja como está. Bem, mais barro ainda.

E por um estante o artista recuando um passo, olhou bem a sem-lhança de uma cabeça que ia gastando d'aquela maça negra e informe.

—Ainda mais barro, rapaz. Esta orelha está disforme. Mais barro para esta orelha. Olha este nariz. Parece que o comendador

tem o nariz ratado. Mais barro, rapaz. Ah! agora está um pouco melhor. Chega mais barro, quero tornar esta maxila mais saliente. E estes olhos tão encovados. Mais barro, moço, sempre barro. Vai apanhando expressão. E com os dedos, correndo-os pelo nariz até ao labio, ia-lhe dando forma.

Mais uma vez o artista se queudou frente á sua obra.

—Bem. Vamos telefonar ao comendador para vir pousar agora que o esboço está começado.

E o escultor foi lavar-se; depois telefonou para casa do comendador convidando-o a vir ao seu atelier para pousar e poder continuar a sua obra. Acendeu um cigarro, e enquanto o fumo se evolava, e esperava o modelo, contemplava o barro em esboço. O rapaz preparava mais barro para não faltar ao mestre logo que novamente encetasse o trabalho.

A campainha retiniu. O artista levantou-se e pegou no auscultador. Era de casa do comendador. S. Ex.ª tinha saído de visita ao ministro e não podia de-

morar-se. Mas se fosse grande urgencia telefonavam para o Ministério.

—Sim, seria melhor; o escultor. Diga-lhe que o espero para a primeira sessão. Que não demore, caso contrário que o diga.

E novamente se sentou para continuar a fumar e a olhar o barro que iria dar-lhe o seu primeiro trabalho, após a saída da escola.

Os seus accessits, de que o artista se orgulhava, era prova de que o artista se orgulhava, era prova de que o artista se orgulhava, era prova de que a sua primeira obra, que depois de concluida seria exposta ao publico, lhe daria nome, e com perseverança e orgulho alcançaria a celebridade.

Quando se livava aos páramos do idealismo, seguindo as volutas do fumo do seu cigarro, bateram á porta. O ajudante sacudindo o barro das mãos correu a abrir e o comendador entrou altivo, de charuto na boca enchendo o atelier de subtil aroma e cravo sanguino e na lapela.

Fizeram-se ligeiros cumprimentos, e o comendador, ar desdenhoso e sotaque abrasileirado inquiriu:—Senhor artista, que é este bocado di barro?

—E' a materia que servirá para esboçar o busto de V. Ex.ª.

—Ha, sim! E que é preciso mais?

—Que V. Ex.ª pouse na minha frente, por alguns minutos, e que amanhã volte novamente. Duas ou tres sessões o maximo, e terá V. Ex.ª o seu busto.

—Qui trabalho e encómmodo, isso me dará. Emfim vamos lá.

E o comendador atirando fora a ponta do charuto foi sentar-se, impando importancia na cadeira que o escultor lhe indicou.

—Rapaz, chega-me barro. E modelando, colocando aqui e ali bocados de barro, premindo sempre com os dedos o barro que ia tomando forma e olhando o modelo o artista parando um instante mediou com o seu olhar prescudador o esboço em sua frente.

—Que caiporismo, sinhó. Isso demora muito a fazê?

—Como disse, com mais duas sessões ficará pronto o busto de V. Ex.ª. Por hoje temos terminado a primeira sessão. Se V. Ex.ª, senhor comendador, quizer voltar amanhã, á mesma hora, era favor.

—Sim, sinhó, eu voltarei. E saiu apertando a mão ao artista que o acompanhou até á porta.

—Uf, que pedante! desabafou o escultor. Pelo primeiro trabalho a que me entrego para apresentar em publico, sinto-me aborrecido em presença de um modelo bronco e duro como um calhau. Mas paciencia; irei até ao fim. E enquanto se preparava para sair, ia recomen-

do ao rapaz para ao outro dia ter ali barro suficiente para o trabalho.

Ao outro dia, e no seguinte, o comendador foi pontual e mais delicado. Estabeleceu-se conversa, criou-se um pouco de intimidade.

Quando dias depois o barro secou, o escultor preparou o barro e colocava o primeiro tacei, na ocasião precisa em que o comendador entrava no atelier. Ficou admirado de ver o artista burlando o busto com gesso, mas dadas as devida explicações o comendador calou-se e assistiu boquiaberto á colocação dos outros taceis.

A fundição em bronce do busto do senhor comendador saiu obra primorosa. Exposta ao publico a primeira obra do novo escultor, logo recebeu a consagração de enteados e profanos, e as encomendas começaram a aparecer.

Os jornais foram unânimes na apreciação da obra e o nome do artista andava de boca em boca. O comendador partilhava do júbilo e da emoção do novo escultor que viu logo de principio o seu nome aureolado de grande fama. Muitos dias depois de o busto ser colocado no atrio do palacio do comendador se registavam pedidos para ver a obra do genial artista.

Aveiro, setembro 1932.

Fernão Pirés

Rápido pusera-se em marcha.

Na gare de Espinho uma multidão curiosa, pontalgada onde e onde pelos trajes berriantes das elegantes da praia, olhava atentamente para dentro dos salões, na esperança de avistar um conhecido ou de ouvir um galanteio.

Espinho é a praia todos que conhecem e que, por isso mesmo, é desnecessário descrever. Bonita, de bom clima, cuidadosamente arranjada, ela sabe a colher todos os anos, com novos atractivos, a visita de muitas famílias portuguesas e espanholas, que a preferem á elegância e ao exebicionismo da não pior Figueira da Foz.

Estava-se a 28 do mês de Setembro de 192... e poucos mais. Algumas famílias preferiam retirar neste dia, a fim de evitar os apertos e encontrões a que tem de se sujeitar nos comboios do fim do mês. Por isso, alguns veraneantes tinham vindo á pressa tomar aquele rapido que os devia conduzir a casa, donde tinham desertado havia um mês.

Entre elles contava-se um rapaz dos seus dezanove anos, alto, desempenado, moreno, tipo preferido por certos elegantes daquela praia, que o achavam um *charmeur* muito simpático e muitissimo agradável, indispensavel até numa reunião na praia ou numa baile da assembleia. Talvez que por perceber isso, elle se julgasse tambem irresistivel.

Depois de acomodar a mala de viagem e de procurar um lugar onde posou o chapéu, foi dar uma volta a ver se encontrava uma companhia mais agradável que aquelles seus companheiros de viagem. Desiludido e enfadado voltou ao seu lugar com aquelle ar de resignação estoica que caracteriza os viajantes que se tem de submeter ás rigidas leis e aos mais do que rijos assentos da C. P.

Sentou-se, soltou baixinho um fundo suspiro, e ainda mais baixinho, deixou fugir uma imprecação contra aquilo tudo. Mais uma vez olhou de soslaio para os seus companheiros de carruagem, e começou a reparar neles com mais atenção, a vêr se dali lhe poderia vir algum socorro que puzesse cõbro áquella monotonia atrás que lhe embargava o seu habitual bom humor. Á sua direita sentava-se um individuo de fato de ganga, de bonet de pala de oleado, o tipo de todos os máquinistas da C. P. por que na C. P. os máquinistas viajam de segunda classe, como qual querpasseiro pagante. Ao outro canto do compartimento um homem dos seus quarenta e tal anos dormia descansada e sonoramente o seu sono reparador. Tudo isto meia uma enorme, uma imensa confusão ao nosso viajante inexperiente.

Então começou a pensar como elle, José Ferreira dos Santos, filho dum comerciante importante da capital, estudante da Faculdade de Ciências, onde cursaria os preparatórios para a Armada, se

sujeitava a ir naquêlo comboio que de rapido não tinha nada, visto que já ia com um atraso de perto de meia hora.

Recordou, depois, os bons momentos passados na Praia, as suas longas, conversas extremamente longas, com a Lolá, aquella endiabrada espanhola que durante quinze dias lhe puzera a cabeça a andar á roda. Depois, os seus passeios com a Fernanda, á noite, no picadeiro, onde ella lhe dizia quanto *simpatizava* com elle, a alegria que sentia quando estava com elle, a graça que achava tudo quanto dizia, etc...

E assim continuava os seus pensamentos, até que se deixou adormecer. Encostou a cabeça e adormeceu.

Entretanto o comboio ia deslizando, ia avançando sempre naquella rápida sonolência dos comboios da C. P. Parou em Aveiro e passado um minuto, retomou a sua marcha. Á chegada a Coimbra os passageiros acotovelavam-se no corredor para admirar o Choupal.

Ao som do pregão das arufadas José acordou um tanto sobresaltado. Depois, abriu a bõca, bocejou e resolveu comprar jornais, revistas, e qualquer coisa mais que o conseguisse entreter até ao Recife. De novo o comboio se pôs em marcha e, de novo, parou em Alfaietas.

Aqui a affluência era enorme. Portugueses, espanhóis, velhos e velhas; novos e novos; patrões e sopeiras; tudo corria, tudo se mexia na ância de arranjar um lugar. José, entretido com a leitura de um artigo do «Cinéfilo» sobre a Lillian Harvey, não dava por nada. Estava alheio a tudo quanto se passava neste mundo, para só pensar nas cenas extraordinárias que se passam no mundo do Cinema.

Tudo quanto estava á sua roda o aborrecia, o enfatuava e lhe cansava nauseas, «Decedidamente, aqueles actores de Cinema deviam ser muito felizes, extremamente felizes».

Estava fazendo estas conjecturas quando uma sopeira, gordinha e anafada como a grande maioria das sopeiras alfacinhas, entrou pelo compartimento dentro, ajonjada pelo peso de uma mala, com um cabaz na mão direita, a gritar pela senhora, que viesse para ali, que tinham ali lugares. Entrou então uma rapariga nova, dos seus vinte e dois, loura, rosada e carminada, como toda a menina da moda.

José levantou primeiro os olhos e, depois, pôs-se de pé e auxiliou a criada na colocação das malas. Tornou a sentar-se, puxou dum cigarro vulgar e, instintivamente, deixou o «Cinéfilo», as actrizes, os actores, a Paramount, a U. F. A. e todo o mais. Depois, acomodou-se melhor, puxou o casaco para baixo, passou a mão pelo cabelo,

surreitadamente foi limpando os sapatos pelas calças e, de quando em quando, deitava um olhar para a sua companheira da frente.

Achou agradável aquella companhia (é sempre agradável ver-se uma mulher bonita) e para elle, para o seu pundonõr de conquistador afamado, terrivel e eficaz havia um obstáculo enorme, difficil de vencer, mas que devia certamente desaparecer em breve: era a maneira de *principiar*.

«De facto, nada mais difficil que começar e nada mais espinhoso que acabar,» dizia de si para si o nosso D. Juan.

Por fim, ao cabo de muito matutar, lá achou a frase inicial, que seria salvadora e adoravel se ocasionasse uma resposta agradável. Ia para dizê-la para expeli-la cá para fora com toda a fôrça daquela fôrça que sentia lá dentro a roer, a roer e que parecia roer tudo! Mas arrependeu-se e ficou mudo e quedo no mesmo lugar. Pegou no «Noticias» e pôs-se a lê-lo com receio que reparasse na figura que estava fazendo. Mas nem os discursos do sr. Lerroux, nem a greve da fome de Ghiand, nem a agitação em Espanha, nada, enfim, lhe prendia a atenção.

De quando em quando, lançava um olhar furtivo por cima do jornal e pôde observar que a causadora de todo aquelle mal estar se sorria, um sorriso leve mal contido pelo baton dos lábios. Pareceu-lhe que uma nova fôrça lhe invadira o corpo e... então desabafou, deixou sair a frase estadada.

Parece que ella surtiu o desejado efeito, porque, daí a pouco, a conversa era animada, discutia-se até.

E assim se chegou a Lisboa.

Á chegada, ainda no túnel, depois de elle lhe ter tirado as malas da rêde, ella despediu-se com um apêrto de mão, um sorriso e um muito obrigado, que fez estremecer de júbilo o nosso José Ferreira dos Santos.

Á saída da estação estava o Pai de José á espera d'ele, para dali seguirem direitos a casa, onde os esperava uma prima, chegada da provincia, com fama de rica e que o sr. Santos e demais familia destinavam acasar com José. Não era nem bonita nem apresentavel. Habituada ao viver da aldeia, estava muito longe de conhecer os prazeres dos chás, das ceias americanas, dos bailes, dos cinemas e de todos esses instrumentos civilizados que distraem as pessoas que se encontram de bom-humor.

José tinha feito tenção de a seguir e achou que o encontro com seu pai numa ocasião daquellas era pior que um aerolito que tivesse caído no Recife na hora de movimento. E muito intimamente foi mandado para o diabo os tios e a

prima, que nem sequer conhecia. Meteu-se no elevador, no mesmo em que a sua companheira de viagem seguia, e com os olhos, foi-a seguindo através daquela multidão que estacionava no vestibulo da estação.

Avistou o Gouveia e viu que elle fazia um grande cumprimento a desconhecida. «Ao menos já poderei saber onde mora e quem é,» pensou de si para si.

Á noite, logo que acabou de jantar, foi procurar o Gouveia ao Nacional, poiso certo do seu amigo. Demorou-se com elle, pagou o bilhar, tomou um café e, depois disto tudo, só pôde apurar que a desaparecida morava na Avenida Duque d'Avila.

No dia seguinte lá estava elle no seu quarto de sentinela, que durou mais de oito horas. Iam os dias passando e José poucas vezes a conseguia ver. Um dia, porém, começou a notar a frequente aparição, por trás das cortinas, da sua encantadora desconhecida. Nesse mesmo dia, pôde, quando ella saía acompanhada por um cavalheiro já bastante idoso, entregar-lhe uma carta.

A resposta não se fez esperar muito, pois no outro dia já José tinha em casa uma carta pedindo-lhe para que não escrevesse pelo correio e marcando-lhe uma entrevista.

Depois destas, outras entrevistas se seguiram e, depois, um chá no restaurante do Campo Grande. Só então elle soube que a sua adorada Maria João era casada com aquelle velho jarrêta que a acompanhava quando elle lhe entregou a primeira carta. Ella chorou, pediu-lhe que elle continuasse a dar com o seu amor um lenitivo para os seus sofrimentos. De resto, ella não casara por amor, nem tem pouco por dedicação. Casara para valer a seu pai, que se encontrava numa difficil situação financeira.

José, comovido por aquellas lágrimas, prometeu voltar, comprometeu-se a livrá-la do velho e a compensar-lhe todas as horas aborrecidas da sua vida. Mas, quando chegou a casa, deitou-se de bruços em cima da cama e desatou num choro convulsivo, num morrer de lenços e da almofada, que parecia louco. De repente, levantou-se e, num acesso de raiva, resolveu dar uma tarteira no Gouveia, aquelle patife é que fôra o culpado, é que o intrujara. Depois acalmouse e resolveu contar tudo ao Gouveia. Saiu e foi procurá-lo. Na rua encontrou a Maria João que o apresentou ao marido, com o qual conversou largamente.

Parecia muito boa pessoa o sr. Carlos Simão. Atendera-o com uma deferência, com uma amabilidade, sobretudo amabilidade, que muito o lixongeu e que o levou á gentileza de o convidar para jantar nesse dia.

Procurou depois o Gouveia que aconselhou a continuar com aquellas relações, que tinham todas as vantagens para elle e que eram uma enorme desilusão para o Gouveia que tambem se atirara mas que não obtivera resultado. Envaidecido com a sorte que tivera José resolveu seguir o conselho do seu confidente.

Depois do jantar, que foi grande e variado, houve cognac, café e tudo o mais que é habitual e onde se nota sempre o dedo de uma boa dona de casa. Ao café appareceu o Gouveia e o sr. Simão declarou que gostava muito, que tinha um enorme prazer em que José seguisse o seu amigo e apparecesse sempre que quizesse, que não estivesse com cerimónias porque elle a preciaava imenso que os amigos o visitassem.

Passaram-se dias e alguns meses, José era agora íntimo da casa. Conhecia todos os seus segredos, todos os seus negócios e, logo que saía das aulas, lá estava a passar as tardes. A essa hora era rarissimo encontrar o Simão em casa e então dava largas ao seu amor, o que podia fazer graça da criada de fora, confidente dos amores da ama.

Um dia, porém, quando vinha para o almoço, disseram-lhe que o Gouveia tinha lá ido á sua procura e que deixara uma carta. José abriu-a e leu:

JOSÉ

A porteira deu com a lingua nos dentes. Simão sabe tudo e juro vingá-lo. Não voltas mais á Avenida.

Teu amigo

Francisco Gouveia

José ficou atrapalhadissimo e sentiu todo o mal que fizera. Pensou que se lá voltasse levaria um tiro e, nessa altura sentiu om suor frio pela espinha.

Passavam-se meses e José não attendia nem a cartas, nem aos pedidos constantes que lhe eram feitos pelo telefone. Aquella ideia de levar um tiro não lhe saía da cabeça. Tinha até medo de andar na rua, de ir ao teatro, ao cinema, com receio, de encontrar o Simão e de, ali mesmo, em qualquer sitio, sentir uma bala alojarse no peito.

Estava-se em Setembro e um telegrama da Figueira da Foz.

Tenho estranhado sua longa ausência. Desculpe qualquer falta que tenhamos cometido.

Peço venha cá passar quinze dias.

Carlos Simão

Câncio Mendes

Padaria

Traspas-se uma em boas condições, e bem montada, com todos os pertences, está bem localizada e afreguesada, motivo por doença do seu proprietario; quem pretender, dirija-se ao mesmo na Rua 4 ESPINHO.

Agencia Funeraria

DE
Antônio Marques da Cunha



Tem sempre no seu depósito de Cacia UMA GRANDE VARIEDADE DE URNAS EM MOGNO E CASTANHO VELHO. CHUMBO para soldaduras que executa com toda a rapidez e perfeição. CAIXÕES DOS MAIS MODESTOS AOS DE MAIOR LUXO ALUGA salvas, toalhas, cera, castiçais e COROAS para todos os preços e vende novas.

Rua Conselheiro Nunes da Silva, CACIA

Manuel Correia Vidinha

COM

Fazendas de lã e algodão—Chales de merino e sêda—Miudezas e louças de todas as qualidades — Sapatos e chinelas.

Fabrica de louça vermelha, beirais, tijolos, manilhas, etc.

Praça da Republica (em frente ao chafariz—Angeja

FARMÁCIA LUSITANA
DE
ABÍLIO DE CARVALHO

ESPECIALIDADES nacionais e ESTRANGEIRAS	PRODUCTOS químicos e FARMACEUTICOS
R. Conselheiro Nunes da Silva	CACIA

Restaurant Floresta

Este modesto restaurant fem por divisa bem servir os seus estimados clientes. E' o que mais barato vende.

Recomenda-se pelos bons vinhos brancos e tintos

E' o que apresenta sempre o melhor e mais variado peixe, e a esplêndida CALDEIRADA

A «Ginginha de Lisboa» tambem aqui se vende sendo

por excellencia um aperitivo estomacal e o maior reagente contra a GRIPE

Joaquim Simões Birrento
LARGO DA ESTAÇÃO AVEIRO

Corôas e urnas funerárias

Ninguem compre sem ver os baixos preços do maior e mais antigo depósito de

URNAS do aistricto.

Só vende BARATO

a Casa Leitão
de Estarreja

de fazendas, chales, cazemiras, sedas, modas, artigos de bordar, figurinos, sombrinhas, calçado, gramafones e discos, etc.

Maquina de Gelo e Camara Frigorifica, Fornecedor de gelo a 500 centavos o quillo, leite e manteigas, fabricadas pelos processos mais modernos.

Compre-se aqui o leite pelo preço mais alto

Avance

Fabrica de Lacticinios de Avanca, Lda

VERMIFUGO LAXATIVO LUSITANO

Este medicamento absolutamente inofensivo, que em creanças, mesmo de tenra idade, quer em adultos, é d'um efeito seguro e rapido na expulsão destes vermes intestinaes, bem como na destruição dos germens que os reproduzem.

Preparador e depositário:
Farmácia Lusitana
CACIA

Garage do Americano

—DE—

José Maria Pereira

Gafanha da Nazaré (Frente á Igreja)—Aveiro



Vende e aluga bicicletas e seus acessórios de todas as marcas. Reparações garantidas.

Preços modicos com rapidez e segurança.

Fazem-se todos os concertos em relógios e grafonólas, garantindo-se o seu bom funcionamento.

Vêr
Para Crêr

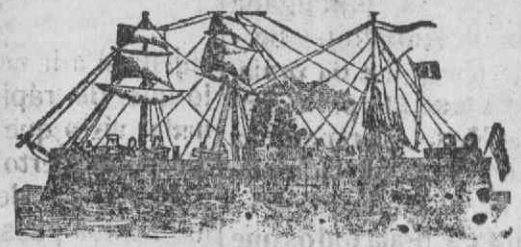
Calli, Fôrro e Cabeço aparelhado sempre em depósito. A aditras de Construção, Bombas para Marinhas e Tinos para pssos. Tira-n-se Orçamentos gratis, encarega-se de qualquer especie de Carpintarias.

ANTÔNIO SOARES DA SILVA
Matadugos—Aveiro

Officina de Carpintaria Mecânica.

AGENCIA COSTA

Passagens



Passagens

Praça - Estarreja

Esta acreditada Agencia, vende passagens para Brazil, Argentina, America do Norte, França e Africa e trata de toda a documentação legal para estes portos.

Responde-se a toda a correspondencia.

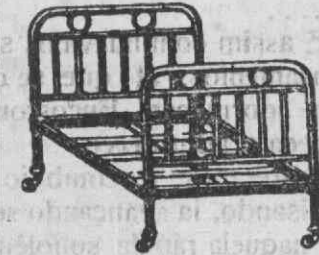
Prontidão, Seriedade e Economia

A «Construtora» de Móveis de Ferro de Avanca

—DE—

João António S. Borges

Grande produção de móveis de ferro

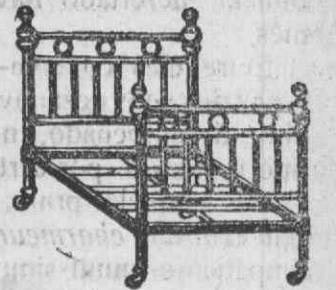


Fornecimento para todos os pontos do país, aos melhores preços do mercado.

Fabrico solidó e perfeito.

Se querem ser bem servidos e servirem bem os vossos clientes não comprem sem verificar o meu fabrico

Consultem preços.



AZULEJOS

Azulejos artisticos e decorativos — A maior perfeição em todos os estilos — Cópias fiéis de: monumentos, assuntos históricos, paisagens, fotografias, etc.

FABRICA

—DA—

FONTE NOVA

—DE—

Manuel Pedro da Conceição, Filhos

(Firma registada)

AVEIRO PORTUGAL

Premiada em diversas exposições nacionais e estrangeiras — Grande Prémio na Exposição do Rio de Janeiro de 1922

(Casa Fundada em 1882)

Fábrica Portuguesa de Tintas de Impressão, Lda.

Escritório e Fábrica: Rua da Pastelaria, 240 (Lordelo do Ouro) — Pôrto

TINTAS TYPO - LITOGRAFIAS E INDUSTRIAIS

Esmalte «Apollo»

O melhor que se fabrica no País

ESPECIALIZADA EM TINTAS PARA Traineiras e Navios

ALVAIADES, SECANTES LIQUIDOS E VERNIZES

O ECOS DE CACIA é impresso com as afamadas tintas desta casa que se recomendam pela sua boa qualidade.